

“TERÁ VALIDO A PENA A PERSISTÊNCIA?...” PUBLICAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE POESIA NA CORRESPONDÊNCIA DE HENRIQUETA LISBOAProf^a. Dr^a. Ana Elisa Ribeiro¹
CEFET-MG – Belo Horizonte

Resumo: Este artigo busca revelar aspectos do esforço de publicação e legitimação da poeta mineira Henriqueta Lisboa, tendo como fonte, principalmente, sua correspondência com o irmão, José Carlos Lisboa, residente no Rio de Janeiro (entre outros interlocutores da autora, entre as décadas de 1960-70). A investigação partiu da leitura de cartas que estão sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Com base nesta discussão, é possível refletir sobre a publicação e a circulação da literatura brasileira no séc. XX, especialmente em relação à escrita de autoria feminina.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Autoria feminina, Henriqueta Lisboa, Produção editorial.

Abstract: This article seeks to reveal aspects of publishing efforts of the Brazilian poet Henriqueta Lisboa. Our research sources was, mainly, the exchange of letters between she and her brother, José Carlos Lisboa, resident in Rio de Janeiro at that time (and other interlocutors of Henriqueta, between the 1960s -70). This research investigated letters that are in the custody of Acervo de Escritores Mineiros at Federal University of Minas Gerais. Based on this investigation, we can discuss aspects of Brazilian literature publication and circulation in the XXth century, especially in relation to women's writing.

Keywords: Brazilian poetry, Women's writing, Henriqueta Lisboa, Publishing.

1 Considerações sobre a persistência editorial

Em 2 de abril de 1979, em carta de agradecimento a Cassiano Nunes, Henriqueta Lisboa se questiona: “Terá valido a pena a persistência?...” A escritora já contava 78 anos de idade e, embora soubesse de sua própria “persistência” em relação à literatura, ainda não oferecia resposta a si mesma. Quarenta anos após seu questionamento, é possível encontrar estudos sobre sua poesia (Pereira² ou Machado³) e principalmente sobre sua instigante e intrigante atuação, mais que literária, política, em relação à emergência de mulheres escritoras, no espaço público. Ana Lúcia Neves⁴, por exemplo, aborda a Henriqueta organizadora notável de antologias de poemas dirigidas às crianças. A poeta organizou quatro antologias,

1 Meus agradecimentos à supervisora de meu pós-doc na UFMG, a prof^a. Constância Lima Duarte, assim como à equipe do Acervo de Escritores Mineiros. Também ao CEFET-MG, pela licença para capacitação que permitiu minha dedicação a esta pesquisa.

2 PEREIRA, 2000.

3 MACHADO, 2013.

4 NEVES, 2014.

que foram publicadas do início da década de 1960 e têm reimpressões recentes. Traduziu e publicou no Brasil outras escritoras latino-americanas, como também aponta Neves⁵, o que demonstra a “persistência” da escritora em trazer para a cena brasileira, e em língua portuguesa, suas contemporâneas de produção poética⁶. Foi pioneira “ao assinalar o mérito da produção de autoria feminina em uma época em que a criação literária ainda era considerada por muitos como prerrogativa dos homens”⁷. É notável seu trabalho “multifacetado: de poeta, de crítica e ensaísta, de tradutora e de professora de literatura”⁸. Ana Lúcia Neves⁹ defende que a face crítica literária de Henriqueta merece muito mais atenção do que tem recebido, em nossos estudos literários, assim como Marques¹⁰ aponta o fundamental papel de mediadora exercido pela escritora, especialmente por meio de seu trabalho na tradução.

Os estudos da escrita de autoria feminina no Brasil dificilmente passarão ao largo de Henriqueta Lisboa. Não apenas por ela ter sido uma poeta persistentemente publicada, mas também porque contribuiu para uma mudança no pensamento sobre a produção literária brasileira – feminina inclusive. Isso é parte do que está em Duarte¹¹ e também em Duarte e Paiva¹², que vão iluminar exatamente os “vestígios” que permitem “mapear e refletir sobre alguns rastros da participação da mulher no cenário das letras”¹³, ou em Oliveira e Oliveira¹⁴, ao fazerem um mapeamento do quadro literário apresentado no Ensino Médio do sistema escolar brasileiro em relação ao espaço das mulheres, partindo do seguinte incisivo questionamento: “Por que o cenário literário brasileiro tem sido historicamente tão desfavorável às mulheres escritoras?”¹⁵. Silva¹⁶ busca refletir sobre a consciência

5 NEVES, 2014a.

6 São citadas e estudadas por Henriqueta Cecília Meireles, com quem teve correspondência, e também Alfonsina Storni (1892-1938), Gabriela Mistral (1889-1957), Delmira Agustini (1886-1914), Juana de Ibarbourou (1895-1979), entre outras.

7 NEVES, 2014a, p. 106.

8 MARQUES, 2004.

9 NEVES, 2014a.

10 MARQUES, 2004.

11 DUARTE, 2009.

12 DUARTE; PAIVA, 2009.

13 DUARTE; PAIVA, 2009, p. 11.

14 OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2010.

15 OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 145.

16 SILVA, 2012.

que essas escritoras tinham “a respeito do difícil exercício de fazer literatura em um universo gestado por homens e para homens”¹⁷. Justamente aí está meu interesse: que consciência Henriqueta Lisboa tinha de seu contexto?

Zilberman¹⁸, em um texto que discute a divisão da literatura em períodos e a presença feminina no cenário literário brasileiro, menciona Henriqueta Lisboa na “Geração de 1930”, juntamente com Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles e outros, ainda que a poeta mineira tenha atuado, intensamente, ao longo de todo o 1900. Segundo Zilberman¹⁹, apenas nos anos 1970 as mulheres passaram a figurar com mais frequência na literatura, embora saibamos que isso é apenas o que faz parecer o “cânone” oficial, com seus apagamentos.

Outra questão emerge em relação aos espaços ocupados pela mulher no campo literário: a poesia é um espaço menos restrito para as damas, o que parece ocorrer ainda hoje. Juntamente com a lírica está a literatura infantil, desde sempre aceita como espaço feminino de escritura. Até hoje, o número de mulheres romancistas, por exemplo, é reduzido em relação a outros gêneros.²⁰ Zilberman²¹ menciona Cecília Meireles como inspiradora de Adélia Prado e Orides Fontela, décadas depois. É possível dizer que tal relação de influência ocorra a outras poetas, e não porque sejam mesmo herdeiras da voz poética umas das outras – porque também o são de vozes masculinas – mas porque, na falta de poetas (re)conhecidas no cânone, faz-se apenas a relação possível, mesmo que ela seja frágil ou inexistente. A rigor, as poetas foram influenciadas por outras no sentido da persistência, se não propriamente em razão da literatura.

2 O arquivo e a correspondência

A pesquisa que origina este trabalho teve como fonte a correspondência

17 SILVA, 2012, p. 45.

18 ZILBERMAN, 2004.

19 ZILBERMAN, 2004.

20 Para um estudo sobre autoras do séc. XXI, ver Ramos (2005), que se utiliza de paratextos (minibiografias, apresentações, orelhas, contracapas, fotografias, currículos, entrevistas, rodapés, publicações alternativas, blogs, comunidades virtuais) para pesquisar a imagem pública da mulher de letras na atualidade. Nos anos 2000, já é possível construir uma lista de escritoras premiadas, catalogadas em grandes editoras e, ainda que incipientemente, ocupando mesas e postos em grandes eventos para discussão da literatura.

21 ZILBERMAN, 2004, p. 147.

ativa e passiva de Henriqueta Lisboa sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros²² da UFMG. A leitura das cartas da escritora mineira sucederam-se ao longo de várias semanas. O objetivo principal era encontrar documentos em que a poeta discutisse questões ligadas à produção editorial, explicitando contentamentos e descontentamentos, nomes, processos e expectativas. Embora Eneida de Souza²³ afirme que “A pesquisa em arquivos não é atividade que atrai a maior parte dos estudiosos do texto literário, por se confundir, muitas vezes, com uma atitude conservadora e retrógrada frente à literatura”, são esses “traços” ou “resíduos” que interessam aqui. A mesma autora aponta que “Essas pesquisas têm a qualidade de serem inéditas e originais, uma vez que o objeto de estudo é construído no decorrer do arranjo dos arquivos, da surpresa vivenciada a cada passo do trabalho”²⁴, o que vamos confirmar à medida que imergimos na leitura dos documentos arquivados.

Henriqueta Lisboa envidou evidentes esforços na direção do reconhecimento e da legitimação literária, atuando em diversas frentes, o que fica expresso em sua correspondência. Fez com que outras autoras fossem conhecidas, enquanto se fazia conhecer também. Isso se deu principalmente em meados do século XX, em Minas Gerais, de onde sua produção partia em direção ao Brasil e à América Latina. Segundo Pires²⁵, referindo-se à produção de Lima Barreto:

Não que não houvesse ainda essa atividade [editorial]. Havia, mas

22 Eneida M. de Souza (2008, p. 137) assim descreve: “O Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, com o apoio do CNPq, da PRPq/UFMG e da FAPEMIG, vem desenvolvendo o Projeto Integrado de Pesquisa *Acervo de Escritores Mineiros* desde 1991. O Projeto conta com os acervos dos escritores Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião, Oswaldo França Júnior, Cyro dos Anjos e Abgar Renault, Wander Pirolli, Octavio Dias Leite, José Maria Cançado, além das coleções Alexandre Eulalio, Ana Hatherly, Aníbal Machado, José Oswaldo de Araújo, Valmiki Vilella Guimarães, Genevieve Naylor e Fernando Sabino, compostos de biblioteca, documentos pessoais e profissionais, manuscritos e datiloscritos, correspondência, material iconográfico, mobiliário e pinacoteca. Seu objetivo principal é preencher uma lacuna no campo da organização, preservação e divulgação de acervos alocados em Minas Gerais, propondo-se como núcleo pioneiro de organização dos mesmos. Situado no *Campus* Pampulha, no 3º andar da Biblioteca Central da UFMG, e ocupando uma área de 680m², o novo espaço do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG foi concebido a partir de uma perspectiva museográfica e cenográfica, recriando o ambiente de trabalho dos escritores. Inaugurado em 16/12/2003, é um espaço permanente de exposição, construído com o apoio do Fundo CT-INFRA/FINEP. (...) Acesso ao site: www.ufmg.br/aem”.

23 SOUZA, 2008, p. 129.

24 SOUZA, 2008, p. 130.

25 PIRES, 1996, p. 8.

de forma precária. O relacionamento entre editores e editados se dava mais em função da amizade e da simpatia recíprocas, além, evidentemente, da posição social ocupada pelo escritor. Monteiro Lobato preocupou-se com a questão do pagamento dos direitos autorais, com a melhoria das condições de edição e com a comercialização dos livros, fatores não levados em conta antes dele.

E se a profissionalização da produção editorial brasileira é tão recente, estimamos que fosse possível conhecer aspectos desse campo nos diálogos epistolares de Henriqueta, e especialmente entre ela e seus familiares e/ou pares (embora nem sempre eles se reconhecessem em pé de igualdade).

Sandmann²⁶ também se apoia em cartas para construir um trabalho sobre Paulo Leminski e Régis Bonvicino, autores contemporâneos. Segundo o pesquisador, as cartas são história, e os diálogos entre escritores podem revelar processos de criação e publicação, o que muito nos interessa e interessou também a Neves²⁷, que revelou das cartas entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade as imagens que os escritores construíam de si. Notável também é o trabalho de Paiva²⁸ com a correspondência entre Cecília Meireles e Henriqueta²⁹.

A correspondência de Henriqueta Lisboa, não por acaso conservada e organizada por ela mesma, está no Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG. Os acervos de escritores e literários são assim descritos por Reinaldo Marques³⁰: “(...) manuscritos, datiloscritos, livros, revistas, fotos, correspondências, cartazes, obras de artes plásticas, vídeos, objetos pessoais, mobiliário, etc.; dotando-os de um caráter híbrido, uma mistura de arquivos documentais, de museu e biblioteca”. Além dos materiais propriamente ditos, Marques³¹ aponta ainda a “multiplicidade de discursos – teórico, histórico, crítico, ficcional, memorialístico, biográfico, autobiográfico, epistolar, etc. – que tais acervos mobilizam, exteriorizam, e cujos limites se revelam cada vez mais tênues, propiciando contaminações de uns pelos outros”. É fundamental evidenciar, também com Marques, que a pesquisa em arquivos literários, além de fomentar a investigação com fontes primárias, contribui

26 SANDMANN, 1999.

27 NEVES, 2014b.

28 PAIVA, 2011.

29 Foram 42 cartas e 7 cartões, escritos de 1931 a 1963 (mais intensamente entre 42 e 49).

30 MARQUES, 2007, p. 18.

31 MARQUES, 2007, p. 18.

para “aprofunda[r] a crise do paradigma disciplinar moderno, ao incrementar o trânsito entre os saberes, as tópicas transdisciplinares, desvelando um cenário pós-disciplinar”³², o que, para nós, inclui os estudos em produção editorial e edição. Os acervos literários podem ajudar a revelar o que Machado³³ chama de “teia de relações” entre autores em seus tempos, incluindo a ideia de que seja papel do pesquisador ligar os pontos entre autores e correspondências.

3 Henriqueta Lisboa, publicação e circulação

Henriqueta Lisboa nasceu na cidade de Lambari, região sul de Minas Gerais, em 1901. Faleceu em 1985, em Belo Horizonte, onde morou por várias décadas. Segundo Marques³⁴, era uma mulher de classe média, ex-aluna de colégios religiosos, com sólida formação leitora. Em 1924, juntamente com a família, mudou-se para o Rio de Janeiro. Ao que parece, era filha de família numerosa (14 filhos, entre eles o irmão José Carlos, mais velho do que ela).

A escritora publicou os seguintes livros, que raramente são descritos em seus aspectos editoriais, sua materialidade e tiragem: *Fogo-fátuo* (1925, portanto aos 24 anos), *Enternecimento* (1929), *Velário* (1936), *Prisioneira da noite* (1941), *O menino poeta* (1943), *A face lívida* (1945), *Flor da morte* (1949), *Madrinha Lua* (1952), *Azul profundo* (1955), *Lírica* (1958), *Montanha viva* (1959), *Além da imagem* (1963), *Nova lírica* (1971), *Belo Horizonte bem querer* (1972), *O alvo humano* (1973), *Reverberações* (1976), *Miradouro e outros poemas* (1976), *Celebração dos elementos: água, ar, fogo, terra* (1977), *Pousada do ser* (1982) e *Poesia geral* (1985), além da forte atuação como antologista, crítica e tradutora. O último livro publicado, *Poesia geral*, veio à luz depois de sua morte, trazendo poemas selecionados por ela. É de se destacar também que Henriqueta foi agraciada com o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, um ano antes de sua morte.

Do ponto de vista de sua persistência e de seu esforço de circulação, Henriqueta Lisboa publicou em jornais e revistas, participou de saraus, fez contatos fora do estado, enviou inúmeros livros a amigos, conhecidos e a críticos, manteve

32 MARQUES, 2007, p. 20.

33 MACHADO, 2006.

34 MARQUES, 2004.

correspondência com vários personagens importantes da cena cultural brasileira e estrangeira, sendo possível encontrar, em seus diálogos epistolares, diversas solicitações de endereços de intelectuais e escritores, assim como solicitações ou aceites de convites para publicação. Duarte e Paiva³⁵ afirmam que a “jovem poetisa, assim como outras mulheres escritoras, conquistou reconhecimento no início de sua vida literária por duas vias, os recitais de poesia e o jornal”, em diferentes cidades de Minas, inclusive. Fica evidente a importância dos periódicos, mas também dos espaços de sociabilidade e de redes sociais.

Segundo revela Ana Lúcia Neves³⁶, a poeta lamentava, abertamente, “a postura indiferente da crítica em relação à sua obra”³⁷, assim como teve dificuldades para “adentrar o cenário das letras nacionais, na época, marcado pela forte presença masculina” – e não apenas na época. Conforme já sabemos, “Para ampliar os espaços de reconhecimento da sua obra, empenhou-se de diversas formas, atuando em diferentes espaços”³⁸. Neves, cujo trabalho em alguns pontos coincide com nosso interesse pelas questões editoriais de Henriqueta no século passado, também aponta as dificuldades que a escritora mineira expressava por ser sempre lida segundo um estereótipo de escritora simbolista (entre outros adjetivos), o que teria comprometido sua visibilidade e mesmo o alçamento de sua obra ao elenco da literatura nacional. É pergunta de Mário de Andrade, em uma das cartas trocadas com Henriqueta: “E os críticos! O que fazem os senhores críticos que não escrevem sobre você!”³⁹. Ana Lúcia Neves⁴⁰ afirma que “Diante das adversidades, Henriqueta desde o início percebeu que precisaria conquistar novos espaços de visibilidade para a sua obra”. A estratégia – apontada também por Paiva⁴¹ – foi, entre muitas já mencionadas, estabelecer diálogos com nomes de destaque do cenário cultural brasileiro e estrangeiro. Embora a poeta ficasse, ainda assim, marcada como a

35 DUARTE; PAIVA, 2009, p. 14.

36 NEVES, 2014b, p. 10.

37 A amiga Cecília Meireles diz a Henriqueta, em carta: “Não li nada do Antônio Cândido sobre os nossos livros. Creio que sairá este ano a minha novela, já publicada em 'Ocidente', de Lisboa.”

38 NEVES, 2014b, p. 10.

39 NEVES, 2014b.

40 NEVES, 2014, p. 22.

41 PAIVA, 2011.

“grande dama da literatura”⁴², enquadrada como “bem comportada”, podemos dizer que o fato de ela ter consciência de sua persistência já a tornava transgressora.

Se o que nos move, nesta investigação, são aspectos editoriais da vida e da obra de Henriqueta Lisboa, poeta ainda lembrada por gerações vivas, Raquel Guimarães⁴³, em um texto sobre a escrita de mulheres, nos auxilia com um trabalho de alinhamento inegável com nossas preocupações. Para a pesquisadora, tratou-se de discriminação social o que Henriqueta e outras escritoras experimentaram, em suas épocas (não descartando a atualidade). Tratou-se de uma literatura

Deixada à margem dos processos editoriais por muitos anos, a literatura produzida pelas mulheres, em determinados momentos, ficou circunscrita à vida familiar, e tratada como uma espécie de atividade doméstica ilustrada, ou como um desabafo sem importância estética. Autoras de significativa produção literária tiveram dificuldades de publicar seus trabalhos, pelo menos até o século XX, pelo fato de a literatura de mulheres ser considerada menor. Entre as que editaram, há muitos casos em que “o tempo da edição não é o da escrita”⁴⁴.

E o silêncio não se restringe à não publicação, mas também, como vimos, à crítica e mesmo aos manuais e compêndios de história⁴⁵, que deixarão de falar da existência de mulheres escritoras de livros de qualidade, ou à presença de autoras em instituições de representação (como Academia Brasileira de Letras⁴⁶, etc.).

Com o fito de, enfim, fazer uma aproximação mais evidente às questões editoriais percebidas pela própria Henriqueta, passemos então aos excertos de cartas em que a autora revela elementos da produção editorial de seu tempo.

4 Henriqueta em cartas: produção editorial

Os trechos de cartas aqui apresentados são de correspondência trocada entre os anos 1960-1970, quando Henriqueta já era conhecida e mantinha-se

42 NEVES, 2014b.

43 GUIMARÃES, 2014.

44 GUIMARÃES, 2014, p. 10.

45 Raquel Guimarães (2014) elenca compêndios e autores importantes, como Afrânio Coutinho, Massaud Moisés e mesmo o poeta Manuel Bandeira, em seu *Apresentação da poesia brasileira*.

46 Há uma carta que Cecília Meireles responde a Henriqueta Lisboa sobre eventualmente tomar posse na ABL. É interessante como a poeta carioca reage a essa ideia, inclusive sendo contrária ao fato de elas terem de vestir o “excecrável uniforme”. Diz Cecília à amiga que a Academia é “fonte de inércia literária e um ninho de anedotas”.

atuante no cenário literário, em busca de suas publicações e da circulação de sua obra. Temos uma maioria de textos datilografados produzidos por ela para o irmão José Carlos⁴⁷, para o poeta e tradutor húngaro Rumen Stoyanov, alguns para o tradutor Paulo Rónai, também a Heráclito Salles, Fernando Viana e alguma correspondência de Cecília Meireles para a amiga mineira. Atualmente, são documentos amarelados, charmosamente manchados e encantadores, com suas rasuras e desgastes.

Em 17 de março de 1961, já autora de onze livros, Henriqueta dirigiu-se ao irmão José Carlos para encaminhar o original de um livro de poemas traduzidos de Gabriela Mistral⁴⁸ à editora Livros de Portugal, organizadora de uma coleção intitulada Poesia Sempre. Dizia ela: “Não estando pronto, ainda, o meu novo livro de poemas, penso que a editôra poderá interessar-se por esse trabalho. Caso contrário, pretendo entregá-lo à José Olympio.” (HL) Na mesma carta, Henriqueta envia cópia de uma carta de amigo comum – Jorge de Sena – que “muito me emocionou pela profunda compreensão demonstrada, em firmes expressões, a respeito de minha poesia”. Henriqueta ainda trata com o irmão de outros assuntos de edição, como a retirada de um título de poema e aspectos da editoração de uma antologia composta por ela para outra editora. Ela assim se expressa: “Fiquei contente com a notícia de que vai sair, finalmente, a 'Antologia poética’”.

Em 7 de fevereiro de 1963, também em carta a José Carlos, Henriqueta trata da revisão de seu próximo livro.

O nome do meu livro é Além da Imagem. Fiquei preocupada com a falta de título nas provas. E também com a falta de resposta a uma carta que escrevi, na primeira quinzena de dezembro, ao Sr. Antônio Pedro, enviando-lhe nova cópia (com ligeira modificação) da página “Elegia Menor”, e dizendo-lhe que desejava fazer uma revisão. Porém a informação, trazida por Alaíde, de que Afonso Felix está revendo as provas, é confortadora.

Na mesma carta, a poeta angaria assinaturas para a candidatura de Carlos Drummond de Andrade ao prêmio Nobel. Ela mesma mobilizava professores,

47 José Carlos Lisboa (1902-1994), professor no Rio de Janeiro, grande colaborador da irmã nos assuntos de edição.

48 Pseudônimo da chilena Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, poeta ganhadora do prêmio Nobel de Literatura em 1945.

escritores e outros intelectuais para uma solicitação junto à Academia Sueca, via Itamarati. O tom das cartas ao irmão é sóbrio. A confiança entre os dois era patente, tendo Henriqueta eleito José Carlos para muitas tratativas de suas questões editoriais no Rio de Janeiro.

Em carta-resposta a Paulo Rónai, Henriqueta, após informar o tradutor sobre os direitos autorais dos poemas de Gabriela Mistral, diz: “A editôra Livros de Portugal ainda não deu notícias do meu livro Além da Imagem que deveria aparecer até fins de 62. Mais um exerciciozinho de paciência. Para a autora, é claro.” Em setembro do mesmo ano, Henriqueta já teria recebido seus exemplares do livro *Além da imagem*, sobre o qual conversara meses antes.

Em nova carta ao irmão, além de tratar de assuntos da saúde dele e de noticiar as várias homenagens que ela vinha recebendo em Belo Horizonte, diz:

Depois de receber os 20 exemplares de Além da Imagem que vieram (morosamente) de avião, recebi os 70 por intermédio (a jato) da família. Junto da última remessa, tive a surpresa de encontrar uma nota com os dizeres: operação venda. Vou mesmo pagar pelos 70 exemplares? A editora não prometeu “doar-me” 100? Ainda uma pergunta que muitas pessoas têm feito: o livro não será colocado em alguma livraria de Belo Horizonte? Com o tempo – espero – tudo se resolverá. Não queria dar-lhe preocupações mas acho que você deve estar a par dos acontecimentos. Com o seu (e de Teresa), seguem hoje para fora os primeiros volumes autografados. Gostarei de conhecer o endereço particular de Fausto Cunha, Oswaldino Marques, Aurélio Buarque de Hollanda, Afonso Felix, Ledo Ivo e Geir Campos. Se houver oportunidade.

O atraso das editoras, a demora na edição dos livros e de seu envio, os autógrafos aos parentes são todos aspectos revelados pelas palavras da poeta mineira.

Passando à década seguinte, vemos o mesmo tipo de preocupação. Pensando nos mecanismos de que a escritora lança mão para tornar-se conhecida e reconhecida, vejamos alguns subitens com elementos revelados pelos diálogos.

4.1 Do escritor como leitor e parecerista

Em 6 de março de 1973, Henriqueta envia carta de agradecimento ao húngaro Rumen Stoyanov, tradutor de alguns de seus poemas. Ele quer saber a opinião da autora sobre uns poemas e pede respostas a perguntas jornalísticas. Ela

o aconselha, delicadamente, como é a tônica de sua correspondência:

Quanto às dúvidas sobre os poemas que está escrevendo, fique tranquilo: são naturais e até mesmo auspiciosas. Também experimentei indecisões com relação aos primeiros versos, até encontrar um caminho mais seguro, sem todavia me sentir plenamente satisfeita, jamais. A plena satisfação resulta em estagnação; e o artista, o poeta, não tem direito ao repouso, desde que começa – por vocação – a lutar com a palavra e tudo o que esta representa.

Alguns anos depois, em 22 de fevereiro de 1977, ainda na correspondência com o irmão, José Carlos, Henriqueta agradece alguns recortes de jornal⁴⁹ (eram uma entrevista de Jorge Guillén) e dá notícias sobre algum artigo enviado aos Estados Unidos. Ali, ela aconselha o irmão:

Quanto à peça teatral de sua autoria, mesmo sem conhecê-la, tenho a impressão de que poderá ser premiada; e que será, desde já, bem recebida pela “Civilização”. Faça o possível para candidatar-se mesmo sem retoques – que poderão ser feitos depois, se necessários –; e procure o Mário da Silva Brito sem delongas. Não é no princípio do ano que as editoras traçam seus programas?

Pelo que se nota em grande parte das cartas de Henriqueta, o diálogo sobre a poesia em si, a qualidade dos versos, é constante, seja quando a poeta solicita leituras de seus pares – como é conhecido em suas cartas com Mário de Andrade, por exemplo – seja quando ela é solicitada a ler e dar pareceres. No caso seguinte, três autoras – Esther Lucio Bittencourt, Maria Regina Moura e C. Harrison – de Niterói, escrevem, em 30 de dezembro de 1975:

Prezada Henriqueta Lisboa,

Após muitas recusas de várias Distribuidoras e Livrarias, com as mesmas desculpas de sempre (“autores novos não vendem, autores novos ocupam espaço nas prateleiras que pode ser utilizado com best-sellers, etc. Etc.”), aqui estamos com nossos trabalhos pois, realmente, a única saída é através da palavra do crítico. Somos mais três dentre os “999.999 escritores” que estão por aí. A época é intensamente de criação. Só queremos que entre tantos livros que você recebe, encontre tempo para ler os nossos. Aguardamos, gratos.

49 Esta prática de enviar recortes uns aos outros é muito comum entre os escritores, especialmente quando eles monitoram suas próprias obras e as dos amigos na imprensa. Ver Marques (2015), no capítulo *Locações tardias do moderno*.

É tão estarrecedor quanto compreensível que nada tenha se alterado tanto assim, quanto aos processos de circulação e legitimação, nos dias de hoje.

4.2 Da preocupação com o próprio arquivo

Henriqueta esteve sempre atenta ao que era escrito sobre ela e sua obra. E não apenas esse movimento reflexivo ocorria, mas também o relativo monitoramento dos amigos e conhecidos, quando eram resenhados ou noticiados na imprensa (à época, principalmente jornais e revistas). A preocupação da autora em recolher o que era dito ou produzido com e sobre sua obra evidencia-se, por exemplo, na carta de 5 de junho de 1973 ao irmão.

Caro José Carlos,

O Instituto Nacional do Livro publicou recentemente, na Coleção de Literatura Brasileira, a obra POETAS DO MODERNISMO, organizada por Leodegário Azevedo. Recebi do MEC um embrulho (visivelmente violado) contendo os 4 primeiros volumes. Nas livrarias daqui nada encontrei. Mas sei, pelo índice geral, que do 5º volume consta um estudo sobre a minha poesia.

Por gentileza, você pode verificar aí se a Coleção já se completou e, em caso afirmativo, pode adquirir para mim as duas últimas unidades? Desde já, muito obrigada.

Mais adiante, Henriqueta receberá algum recado de Leodegário, em carta-resposta de José Carlos, mas ainda ficará na esperança de receber os tais volumes solicitados.

4.3 Do espalhamento da própria poesia e da diplomacia

O monitoramento da própria produção também se relaciona à colaboração em jornais e revistas, especializados ou não, atendendo a convites ou mesmo se convidando para participações e coletâneas. Em 26 de janeiro de 1974, Henriqueta escreve a Heráclito Salles e, mais adiante, a Fernando Vianna, tratando, respectivamente sobre sua participação em uma revista e o envio de sua obra a um interessado também poeta (em junho de 1974).

Heráclito Salles

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.13, n.1, 2016. ISSN: 2179-6793

Há tempos, o poeta Walmir Ayala solicitou-me colaboração para a revista "Cultura". Desejaria saber se é oportuno atendê-lo agora. Tenho muitos inéditos.

Além disso, quero dizer-lhe que estou aguardando os últimos números da mesma revista – prometida quando estive em Brasília. Lembra-se?

Caro Poeta Fernando Mendes Vianna,
Tenho seu cartão de 30 de abril. Muito obrigada pelo fino interesse em conhecer outros livros meus. Infelizmente, não disponho deles – nem de O Alvo Humano, editado em São Paulo em 1973, nem de Montanha Viva, esgotado, de 59, nem de Além da Imagem, lançado em 63 por "Livros de Portugal", de que não tenho tido notícias. Quando for ao Rio – espero ir em breve – procurarei recolher os exemplares que acaso restarem. Então me lembrarei de você com satisfação.

Em 26 de novembro de 1974, a carta da poeta a Paulo Rónai merece destaque. Nela, a autora se oferece para organizar um volume de coleção.

Caro Professor Paulo Rónai,
Meus cumprimentos.

Ao verificar que a Editora José Olympio vem lançando, com muito êxito, uma série de seletas de escritores brasileiros, sob a orientação geral do ilustre amigo, resolvi fazer-lhe uma consulta: poderia eu, em sentido de participação, organizar um volume de trabalhos meus e apresentar, como prefácio, um estudo que pretende fazer de minha obra poética a exímia ensaísta e professora universitária Maria José de Queiroz?

Ficarei muito contente com uma resposta afirmativa. Mas serei compreensiva diante de qualquer dificuldade.

E em mais um movimento em direção à publicação – multimídia –, à fixação e à circulação, Henriqueta responde ao convite da Biblioteca do Congresso norte-americano, em 1974. Seriam 40 minutos de gravação que Henriqueta solicitou serem produzidos em Belo Horizonte:

Senhora Lucy Rocha Souza
Chefe – Library of Congress Office
American Consulate General
C.P. 1421 – Rio de Janeiro

Belo Horizonte, 2 de setembro de 1974
Prezada Senhora,

Tenho sua carta de 21 de agosto, recebida com grande desvanecimento. Aceito o gentil convite com que me distingue, em nome da Library of Congress, para gravar trechos de minha obra literária, com objetivos culturais. Realmente, é privilégio participar de acervo tão significativo.

Por último, no esforço de participação e diálogo, uma carta a outro autor que solicitava sua apreciação de um original, Henriqueta explicava o aperto em que se encontrava por atuar como componente do júri de concurso literário nacional, na categoria poesia, promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal. Está aí seu vislumbre otimista e generoso da poesia, naquele momento, além de prometer ajuda ao interlocutor:

Em fase conclusiva de avaliação, depois de examinar quase duzentos volumes de poesia, entre publicados e inéditos inscritos, verifico, satisfeita, que em geral a poesia vai bem no país, com muitas pesquisas e algumas boas soluções.

Entreguei a Wilson Castelo Branco, diretor do Suplemento Literário Minas Gerais, um exemplar de Os Motivos, esperando que ele mande redigir uma nota a respeito do livro – merecedor de especial atenção.

5 Considerações finais

A trajetória – aparentemente um tanto solitária, mas muito efervescente em cartas – de Henriqueta Lisboa mostra-nos elementos interessantes sobre seu esforço de publicação. Com o passar dos anos e das décadas, experiente no universo – masculino – das publicações literárias, Henriqueta demonstra conhecer muitos mecanismos que poderiam torná-la importante, legítima, conhecida talvez. E eles não eram ocasionais ou gratuitos. Havia uma consciência da autora em seu percurso, assim como movimentos nítidos na direção do que ela acreditava ser um caminho persistente que talvez valesse a pena.

Referências

DUARTE, Constância Lima. Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil. *Pontos de Interrogação*, n.1, p.73-83, s/d. (relatório de pesquisa em 2009a)

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.13, n.2, p.11-19, jul./dez. 2009.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada. *Gênero*. Niterói, v. 9, n. 2, p. 11-17, 1. sem. 2009

GUIMARÃES, Raquel B. Junqueira. Escrita de mulheres: cotidiano, força e rebeldia

(Apresentação). *Scripta*, Belo Horizonte, v.18, n.35, p.9-18, 2º sem. 2014.

MACHADO, Adriana Rodrigues. *Rosa plena: a sacração da poesia em Henriqueta Lisboa*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

MACHADO, Márcia Jaschke. Manuscritos de outros escritores no arquivo Mário de Andrade. Perspectivas de Estudo. *Revista do IEB*, n. 43, p.159-174, set. 2006.

MARQUES, Reinaldo Martiniano. Henriqueta Lisboa: tradução e mediação cultural. *Scripta*, Belo Horizonte, v.8, n.15, p.205-212, 2º sem. 2004.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário como figura epistemológica. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.14, n.21, p.13-23, jul./dez. 2007.

MARQUES, Reinaldo M. *Arquivos literários*. Teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

NEVES, Ana Lúcia M. de Souza. As antologias organizadas pela escritora Henriqueta Lisboa nas décadas de 1960 e 1970. *Leia escola*. Campina Grande, v.14, n.2, p.17-26, 2014.

NEVES, Ana Lúcia M. de Souza. O diálogo de Henriqueta Lisboa com escritoras latino-americanas. *Scripta*, Belo Horizonte, v.18, n.35, p.105-124, 2º sem. 2014a.

NEVES, Ana Lúcia M. de Souza. Vida e obra da escritora Henriqueta Lisboa nas correspondências com o escritor Mário de Andrade. *Interfaces Críticas*, ano 1, v.2, n.2, p. 10-25, jul./dez. 2014b.

OLIVEIRA, Luciana Santos de; OLIVEIRA, Luciano Amaral. O silenciamento literário das mulheres brasileiras. *Interdisciplinar*. Ano 5, v.10, p.145-156, jan./jun. 2010.

PAIVA, Kelen Benfenatti. A Confraria das Sereias. In: XIV SEMINÁRIO NACIONAL & V SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, Brasília. *Anais do ...*, 2011.

PEREIRA, Teresinha. Poesia contemporânea feminina brasileira. *Actual* (Venezuela), n.43, p.103-116, Mayo/ago. 2000.

PIRES, Antônia C. de Alencar. Cartas de escritor: notas sobre a correspondência de Lima Barreto. *Boletim do CESP*, v.16, n.20, p.107-115, jan./dez. 1996.

RAMOS, Tânia Regina de O. Talentos e formosuras. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 26, Brasília, p. 97-105, jul./dez. 2005.

SANDMANN, Marcelo. Nalgum lugar entre o experimentalismo e a canção popular: as cartas de Paulo Leminski a Régis Bonvicino. *Revista Letras*, Curitiba, n.52, p.121-141, jul. dez. 1999.

SILVA, Marcelo Medeiros da. História literária, cânone e escrita de autoria feminina: reflexões sobre Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco. *Miscelânea*, v.11, p.97-117, jan./jun. 2012.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Poesia e resistência no Brasil: o caso das poetisas oitocentistas. *Artemis*, ed. 4, v.14, p.44-53, ago./dez. 2012.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. *Patrimônio e Memória*, v.4, n.2, p.129-138, jun. 2008.

ZILBERMAN, Regina. Poesia feminina em tempo de repressão. As mulheres que se expressavam em verso nos anos 70 e 80. *Signótica*, v.16, n. 1, p. 143-169, jan./jun. 2004.

Ana Elisa Ribeiro é mineira de Belo Horizonte, professora e pesquisadora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.13, n.1, 2016. ISSN: 2179-6793

(Tecnologias da Edição) e no Ensino Médio. É doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG e pós-doutora em Estudos Literários também pela UFMG. É autora de diversos livros acadêmicos, entre os quais os mais recentes são *Textos multimodais* (São Paulo: Parábola Editorial, 2016) e *Em busca do texto perfeito* (Divinópolis: Artigo A, 2016).